

A NOBRE FAMÍLIA DE SANTA CLARA DE ASSIS

GEMMA FORTINI

Pouco se sabe sobre a família de Santa Clara de Assis. O que é conhecido está na *Legenda de Santa Clara Virgem*, escrita por Tomás de Celano, e no Processo de Canonização.¹

A razão desse silêncio sobre a famosa linhagem nobre de Clara está no desejo dela mesma. Benvinda de Perusa, que seguiu a Santa no convento no mesmo ano de sua conversão, diz o seguinte: “Dona Clara não queria falar de coisas seculares, nem queria que as Irmãs as lembrassem”.² Mas chegaram informações básicas até nós para nos ajudar a estabelecer os fatos a respeito de sua família. Clara nasceu em Assis em 1193, e morreu na mesma cidade em 1253, aos sessenta anos.

Sobre ela se escreveu: “a Virgem Clara era de nobre nascimento”; “seu pai, messer Favarone, era nobre, grande e poderoso na cidade, ele e os outros de sua casa”; “Clara era da mais nobre parentela de toda a cidade de Assis, do lado do pai e da mãe”; “seu pai era militar, e a família, de cavaleiros, dos dois lados.” Favarone, seu pai, era, portanto, *miles*, isto é, um cavaleiro feudal³, capaz de combater a cavalo e de perseguir bandos de inimigos de espada em riste. Também está escrito: “A casa era muito grande e continha vastas riquezas herdadas pela família de seu pai.”⁴

Com nossas recentes descobertas, podemos afirmar que a família de Clara era de ascendência germânica, procedente da união de francos com lombardos. Deduzimos isso de um valioso volume do sec. XVII que apresenta dados sobre muitas famílias nobres da Itália. Tentamos comparar os nomes e os períodos históricos citados no texto com os documentos encontrados em Assis.⁵

De acordo com os Atos de Assis, o ancestral mais distante de Clara foi Offredo, que viveu em Assis em 1106, com seus filhos Bernardo e Monaldo, sendo que este último era chamado “comes,” isto é, “conde”.⁶ Pesquisamos mais para trás e descobrimos que essa família era muito poderosa em toda a Itália central, de que fazia parte o Ducado de Espoleto.

Offredo teve como irmãos Suppolino, Barone e Monaldo. De acordo com o texto que consultamos, esses eram os nomes dos filhos do Conde Rapizone II, filho de Crescêncio, que, por sua vez, era filho de Rapizone I.⁷

A história é a seguinte: em 1057 Goffredo, duque da Toscana, padrasto da Condessa Matilde de Canossa, chamado Rapizone I, era Conde de Todi, uma cidade situada a poucos quilômetros de Assis. Em Assis existe um documento pelo qual Cristo, um padre, filho de Rapizone I, doou dois lotes de suas terras para a Catedral de Assis.⁸

“Rapizone” era sem dúvida um apelido que o povo costumava aplicar a todos que sabiam como se defender dos infiéis. De fato, no *Morgante* de Pulci, o autor diz sobre o Paladino Orlando que estava combatendo os sarracenos: “ele os liquidava um por um; felizes dos que conseguiam escapar, porque todos os outros eram cortados como nabos (*come rape*).”⁹

Na Úmbria do sec. XI dois ramos diferentes da família dominavam incontestavelmente, o dos Condes Arnolfi e o dos Condes Attoni. E sua origem é, então, uma mistura de lombardos e francos que provém do sec. IX.

Há uma diferença notável entre lombardos e francos, devida aos diferentes costumes e mentalidades: os lombardos eram altos, caladões, fortes, decididos, e possuídos por um arraigado

¹ Tomás de Celano, *Legenda Sanctae Clarae Virginis*, ed. Francesco Pennachi (Assisi: Tipografia Metastasio, 1910); Processo di canonizzazione di s. Chiara, ed. Zefferino Lazzeri, *Archivum Franciscanum Historicum*, 13 (1920), 401-507

² *Processo*, 2:10.

³ *Ibid.* 1:4, 19:1; 20:2 no testemunho de Pacífica de Guelfúcio, Pietro de Damiani e João Ventura; *Legenda*, 1.

⁴ *Legenda*, I. Guido Battelli em *Leggenda di Tommaso da Celano* (Sancasciano, 1926), 12, traduz “iuxta morem patriae” por “secondo le facoltà, della patria”. Acho que o correto seria “secondo i beni paterni.”

⁵ O texto de sec. XVII é Anton Francesco Zazzera, *Della nobiltà dell'Italia* (Napoli, 1615).

⁶ Todos os documentos foram publicados por Arnaldo Fortini, *Nova vita di s. Francesco* (Assisi, 1959); para Offredo, ver II, 328, e o Archivio della Cattedrale di Assisi, Fasc. II, n. 18 and n. 47.

⁷ Zazzera, 307.

⁸ Archivio, Fasc, 1, n. 109.

⁹ Niccolò Tommaseo, *Dizionario della lingua italiana* (Torino, 1929), 63.

senso de casta; os francos tinham o dom de assimilar com facilidade e eram mais abertos aos contactos com os outros povos.

Os lombardos, de fato, mantiveram sua língua por séculos; deixaram muitas de suas expressões verbais no dialeto de Assis até hoje. Os francos, por sua vez, absorveram muitos termos latinos em sua língua, talvez por causa de sua união muito próxima, espiritual e politicamente, com a Igreja de Roma. Algumas características desses povos antigos podem ser encontradas em Santa Clara. Sua dignidade, austeridade e força de espírito revelam seu temperamento lombardo, como também características físicas, como sua estatura alta e seus longos cabelos loiros; mas sua doçura, mansidão, a nobreza de seu espírito refinado, refletem sem dúvida nenhuma a realeza hereditária do povo franco. Seria longo e provavelmente pesado apresentar aqui a lista de todos os nomes dos que formaram as origens da família de Santa Clara. Vou me limitar a apresentar alguns fatos que considero importantes para entender melhor, se for possível, a natureza humana da Santa de Assis.

Voltando às origens de sua linhagem, podemos estabelecer que Clara descenda de um senhor feudal muito rico pelo lado de seu pai, chamado Favarone, termo que indicava um homem que se orgulhava de origem real.¹⁰

Favarone, como se pode ver pelos documentos publicados por Arnaldo Fortini, era filho do Conde Ofredúcio de Bernardino, um nobre e poderoso senhor da cidade de Assis, cuja casa era ao lado da catedral. Bernardino era filho de Offredo, como já dissemos, e, em nossa pesquisa, descobrimos que Offredo era filho do conde Rapizone II.¹¹ Esse conde Rapizone II descendia de Taciperticone, como se vê no texto de Zazzera. Taciperticone era um nome usado para indicar um homem alto e magro que conhecia a arte do silêncio.¹² No sec. VIII, Taciperticone tinha sido nomeado (por Liutprando, rei dos lombardos) administrador de todos os bens do Ducado de Espoleto, a que pertencia a cidade de Assis.¹³ Taciperticone tinha três filhos: o Conde Ramone, mestre da cavalaria no Ducado de Espoleto; Taciperga e Helina. Helina ficou viúva pela morte de seu jovem marido Fulgoaldo, um poderoso senhor da Sabina, e se retirou para a vida contemplativa, mesmo como leiga, mas gozando de um atributo típico desse tempo para os que se dedicavam à vida religiosa: “Ego ancilla Domini.” O nome de Perticone, obviamente procedente de Taciperticone, ainda sobrevive no município de Assis, especialmente na localidade de Castelnuovo, na planície abaixo da cidade. A nobre e orgulhosa família de Clara não pôde suportar sua fuga da casa paterna para seguir a mensagem de amor de São Francisco.

A irmã de Clara, Beatriz, que a seguiu na vida de renúncia, constata, no Processo: “São Francisco, conhecendo a fama de sua santidade, foi visitá-la muitas vezes para lhe falar, e a virgem Clara concordou com o que ele dizia, renunciou ao mundo e a todas as coisas terrenas e foi servir a Deus... ela vendeu toda a sua herança e parte da herança da testemunha [Beatriz] e deu-a aos pobres. E depois São Francisco cortou seu cabelo diante do altar, na igreja da Virgem Maria, chamada Porciúncula, e a levou para a igreja de São Paulo das Abadessas. Seus parentes quiseram levá-la embora, mas dona Clara agarrou as toalhas do altar e descobriu a cabeça, mostrando que a tinha raspado, e não consentiu de nenhum modo, nem se deixou arrancar dali, nem levar de volta com eles.”¹⁴ Esse é o drama da *vestição* de Clara, visto na rudeza da linguagem do sec. XII, em testemunho de sua decisão de seguir a vida de renúncia ao mundo.

Há um confronto entre duas gerações: a família, forte no domínio terrestre, querendo defender o costume lombardo segundo o qual a moça herdava de acordo com a vontade de seus pais e a jovem de 18 anos que consegue quebrar todos os laços com as coisas terrenas. Essa firmeza lombarda da Santa não se perdeu na vida religiosa. Quando o Santo Padre tentou convencê-la, por causa de sua saúde, a moderar o rigor da pobreza, Clara reagiu com firmeza e não aceitou o conselho do papa. Irmã Felipa, que conviveu com Clara em São Damião, disse o seguinte no Processo: “Nunca pôde ser induzida, nem pelo papa nem pelo bispo de Óstia a receber posse alguma. E honrava com muita

¹⁰ Ibid., 105.

¹¹ Zazzera.

¹² Tommaseo, 952.

¹³ Zazzera, 302.

¹⁴ *Processo*, 12:2-4.

reverência o Privilégio da Pobreza, que lhe tinha sido concedido, e o guardava bem e com diligência, temendo que se perdesse.”¹⁵

Ela tinha essa prudência antiga de seus antepassados, que muitas vezes se transformava em silêncio.

A família de Clara podia justificar o apelido dado a um de seus descendentes, o de Favarone: vinha de sangue real da França e mais precisamente de Carlos Magno, como mostra nossa pesquisa. O filho de Carlos Magno, Pepino, tinha constituído seu filho Bernardo herdeiro de seu trono italiano. Bernardo tinha morrido, cegado por ordem de seu tio, o Imperador Luís, que, mais tarde, arrependido de seu crime atroz, atravessou toda a França de pés descalços, merecendo o apelido “piedoso”. Bernardo, embora fosse jovem quando morreu, tinha deixado um filho na Itália, chamado Pepino, que mais tarde recebeu do papa o encargo de administrar todos os bens da Igreja.

Esse foi o pai do cônsul Cesário, do conde Ertemberto de Vermandois, de Pepino e de Bernardo. O conde Ertemberto de Vermandois teve uma parte muito importante na história da França, mantendo Carlos o Simples como prisioneiro no castelo de Peronière, até a morte. Vermandois correspondia à região da Picardia, de onde também veio a mãe de São Francisco, por isso chamada apropriadamente de Pica.

A união de lombardos com francos na família de Santa Clara teve lugar provavelmente no tempo do cônsul Cesário, que, como notamos, era bisneto de Bernardo, rei da Itália.

De fato, a filha única do cônsul Cesário casou-se com o conde Attone, um poderoso senhor da Úmbria, como já mencionamos.

Desse casamento nasceu a condessa Gervisa, que teve grandes posses no município de Assis, como descobrimos em nosso estudo comparativo do texto de Zazzera e dos documentos conservados nos arquivos de Assis.

De acordo com Zazzera, Gervisa tinha deixado para seu filho Oderisio uma grande propriedade chamada Casafortino. Conseguimos descobrir que esse Casafortino é uma colina acima de Assis, situada na estrada que leva para Cerqua Palmata e daí para o vilarejo de Santa Maria de Lignano. O conde Attone, pai de Gervisa, tinha um irmão chamado Rainério II, que tinha um filho chamado Attone, que foi o pai de Rapizone I, cujo filho Crescêncio gerou Rapizone II, do qual procederam, como vimos, Offredo, que gerou Bernardino, que por sua vez gerou Offreduccio, de quem veio Favarone e depois Santa Clara.

Também se diz que Attone I foi da família dos Condes Castelli, descendia de Taciperticone, que tinha sido administrador de todas as fortalezas do Ducado de Espoleto. De fato, havia um castelo em seu brasão.

A condessa Gervisa, sobrinha de Rainério II, que era ancestral de Santa Clara, casara-se em segundas núpcias com um primo, o conde de Marsi, Reinaldo. Veio daí o estreito relacionamento entre os condes lombardos, os Castelli, e os condes de Marsi, que eram de origem franca.

A mãe da Santa era aparentada com seu marido Favarone, orgulhando-se de ter entre seus ancestrais Attone, irmão (pai) da condessa Gervisa.

Pela linha de descendência (apêndice 1), fica claro que a família era a mesma, e que Hortolana casou-se com Favarone, seu primo distante.

Descobrimos que Hortolana foi sua descendente porque há uma tradição em Assis segundo a qual a mãe da Santa pertencia à família dos condes de Fiumi, que tinham em seu brasão de armas uma fortaleza com um rio, e é o mesmo símbolo que descobrimos na família do Conde Accarino, que possui de fato as nascentes dos rios Nera e Velino.

Como se pode ver pela árvore genealógica, é evidente que Pacífica e Bona de Guelfuccio, testemunhas no Processo, eram parentes próximas de Santa Clara.¹⁶

¹⁵ Ibid., 3:14.

¹⁶ De fato, a comunidade de São Damião incluía muitas outras parentes da Santa.

Para entender melhor a história do período em que Santa Clara viveu, e para oferecer uma justificativa fundamentada para os acontecimentos prementes que sucederam nesse tempo, é preciso focalizar um fato que, embora relevante, nunca foi examinado até agora.

Dos condes de Marsi, que eram relacionados com a família de Santa Clara pelo lado de sua mãe, veio o imperador alemão Frederico II. Seu avô materno, Rogério II, rei da Sicília, tinha se casado, em um casamento final, com a condessa Beatriz de Rieti, uma filha do último conde de Marsi, Offreduccio, que morreu em 1125. A história recorda a condessa Beatriz por causa das visões que ela teve antes do nascimento de sua filha Constança de Altavilla, presságios que os sábios interpretaram como não auspiciosos. Com ela, de fato, o poder normando ficou extinto para sempre.

Preocupada com esse futuro, Beatriz tinha afastado e escondido a criança, que nasceu alguns meses depois da morte do pai, o rei Rogério, por causa de intrigas na corte relativas à sucessão do trono da Itália. Na realidade, Constança foi posta em um convento de freiras beneditinas. Quando ainda tinha cerca de trinta anos, Constança foi removida do convento, como Dante lembra na *Divina Comédia*, para se tornar esposa do filho do imperador da Alemanha, Barbarroxa, Henrique VI, que mal tinha vinte anos de idade. Foi um casamento político para unir a coroa imperial alemã com o reino normando. A cerimônia foi celebrada com festas solenes na própria cidade de Rieti, a cidade da Condessa Beatriz, com toda a nobreza da Úmbria, incluindo os condes de Marsi e os condes Castelli, que foram todos convidados.

A crônica recorda assim o acontecimento: “Constança chegou cercada pela costumeira cerimônia da corte normanda; com ela vieram 150 cavalos, carregados de ouro, prata, pedras preciosas, tecidos de ouro e peles.¹⁷ Era uma tradição normanda, planejada para deslumbrar o mundo com suas fabulosas riquezas. A mãe viúva do Rei Rogério II, Adelaide, tinha atravessado o mar para encontrar seu novo marido, Balduino, rei de Jerusalém, levando consigo cinco navios carregados de ouro.

Mas Constança já não era moça e demonstrava a idade por ser doente. Seu tão jovem marido é assim descrito:

“Partilhava com os Hohenstaufens o tipo do gênio estadista sóbrio... seu corpo era frágil e esquelético... tinha o rosto pálido... Ninguém o via rir... na verdade a dureza era a marca do seu ser, uma dureza de granito, e com ela a reserva rara em um alemão. Junte-se a isso uma vontade poderosa, uma paixão imensamente forte mas fria como gelo, uma espantosa esperteza e tino político”¹⁸ Apesar de tudo, não foi um casamento feliz. Dizia-se até que seu filho, Frederico II, era na realidade filho de um outro, talvez de um médico da corte, e que Constança, simulando o fato, fez passar o filho como dele, para garantir, diante dos amigos políticos do marido, um herdeiro seguro para o império. Frederico II foi batizado em Assis. Nessa cidade viviam os parentes da avó materna e eles eram muito poderosos. Eram os condes Bonacquisti, que moravam na praça principal, em um palácio enorme, cujos altos aterros ainda podem ser vistos.¹⁹

Os condes Bonacquisti descendiam do conde Bernardo, chamado “dos doze”; ancestral seu tinha sido o conde Reinaldo, que era um dos doze capitães que dirigiram a primeira Cruzada. Num lugar chamado Barcaccia, não muito longe de Assis, conta-se uma história sobre o conde Reinaldo. A história está nesta nota dos arquivos de Perusa:

“Reinaldo, conde de Coccorano, Biscina, Petroia, Giomici, Peglio, Collalto e Santo Estêvão de Arcelli, um bom e galante cavaleiro, era favorito do rei Eduardo da Inglaterra, lá pelo ano 1066 de nosso Senhor. Depois se encontrou com o rei de Jerusalém, com Godofredo de Bulhões e Balduino e depois de esteve com esses gloriosos líderes, entre os cruzados quando tomaram a Terra Santa em 1090.”²⁰

O conde Reinaldo era de sangue normando e foi por isso que se tornou favorito na corte da Inglaterra: é sabido que o rei Eduardo, filho de Ema, a normanda, preferia falar francês em vez de

¹⁷ Francesco Palmegiani, *Rieti e la regione sabina* (Roma, 1932), 150.

¹⁸ Ernst Kantorowicz, *Frederich the Second, 1194-1250*, trans. E. O. Lorimer (rep. New York, 1957), 7.

¹⁹ Fortini, II, 44.

²⁰ Tommaso Rosselli Sassatelli del Turco, *La famiglia di s. Chiara*, 13. Ver Apêndice II para o relacionamento dos condes de Marsi com os condes de Castelli.

inglês e não tinha simpatias pelos seus rudes e incivilizados súditos. Tinha muita influência na administração da Igreja, como também entre os nobres normandos, bretões e flamengos. Queria modernizar seu reino, levá-lo a uma refinada civilidade usando o exemplo de condes estrangeiros, cuja companhia preferia.²¹

Por ocasião do batizado de Frederico II, que tinha nascido no dia 26 de dezembro de 1195, viviam no palácio dos condes Bonacquisti os primos de Constança, que provavelmente tinham conhecimento do misterioso nascimento.

O monge alemão Alberto de Stade escreveu o seguinte em sua Crônica:

“Espalhará-se por toda parte o boato de que talvez Frederico não fosse filho verdadeiro do imperador, mas apenas era chamado assim. Dizia-se que isto era o que tinha acontecido: a rainha Constança, filha do rei da Sicília, tinha-se casado com o imperador porque, se o descendente do pai, que reinava na Sicília, na Apúlia e na Calábria, morresse antes de Constança, por direito de hereditariedade o reino passaria para Constança. E se acreditava que Constança, quando se tornou esposa do imperador, tinha sessenta anos de idade. Por isso temiam que ela não fosse fértil. O imperador vivia pedindo conselhos aos médicos porque, para superar a esterilidade, a senhora precisava ficar grávida, não deixando mais o reino da Sicília sem herdeiros. Os médicos prometeram ajudar. Deram um jeito de seu ventre ir ficando lentamente maior, de modo que o imperador realmente acreditasse que ela estava esperando um filho. Lá pela metade do tempo, os médicos cuidaram de arranjar a criança, arrumando uma mulher das redondezas que devia dar à luz no mesmo tempo que Constança, e a trouxeram caladamente ao palácio em que Constança esperava, para parecer que a criança tinha nascido na cama dela e o filho de um outro se tornasse o filho do imperador e da imperatriz. Também se dizia que o menino era filho de um médico, ou de alguém que sabia como tocar um moinho, ou ainda de outro que era perito em caçar passarinhos. Dizia-se que o menino era certamente filho de um dos três.”²²

Dizia-se também que Constança, para convencer a todos os outros de sua maternidade, quis dar à luz o herdeiro imperial em uma enorme tenda apropriadamente montada numa praça com a presença dos enviados do papa. No texto de Alberto de Stade também, se faz referência a um palácio; na Idade Média, esse termo indicava a residência da corte imperial. Esse edifício podia estar na própria cidade de Assis, porque Alberto de Stade diz claramente: “No ano de 1195, na véspera da festa de São João Evangelista, nasceu um filho para o imperador Henrique VI, no vale de Espoleto, em Assis, e aí foi batizado, na presença de quinze bispos e cardeais.”²³

Se o palácio imperial estava na área de Assis, e mais precisamente na casa dos condes Bonacquisti, a história dos Três Companheiros seria confirmada: “Nessa região, nesse tempo, nasceram duas crianças: uma seria a melhor de todas, a outra, a pior.”²⁴

O palácio dos Bonacquisti fica de fato na *contrada* da igreja de São Nicolau, e daí, descendo pela Via Portica, encontra-se a loja de Pedro de Bernardone, o pai de São Francisco.

Havia treze anos entre São Francisco e o Imperador Frederico II, pois Francisco nascera em 1182; é um período curto para um escritor que está se referindo a um passado recente. Se se aceita a versão do cuidadoso cronista Alberto de Stade, sobre o drama do nascimento ilegítimo de Frederico II, ele deve ter acontecido na cidade de Assis, e não em Iesi, que foi o lugar de nascimento do imperador segundo outras fontes.

O franciscano Frei Salimbene de Parma insistiu na ilegitimidade de Frederico II. Escreveu que, um dia, o rei de Jerusalém, João de Brienne, teve uma discussão com Frederico, que era marido de sua filha, Yolanda, humilhando-o durante uma partida de xadrez ao dizer: “cala a boca, seu filho de um açougueiro.”²⁵ De acordo com a nossa pesquisa, nos tempos medievais essa frase era usada para

²¹ Reginaldo Francisco Treberne, *Enc. Treccani*, XIII, 483.

²² *Annales Stadenses*, A.D. 1220, in MGH, XVI, 357.

²³ *Ibid.*, 352.

²⁴ *Legenda S. Francisci Assisiensis Tribus ipsius Sociis Hucusque Adscripta*, ed. Giuseppe Abate, *Miscellanea Franciscana* 39 (1939), 377.

²⁵ *Cronica*, MGM Scriptores, XXXII, 359.

indicar um filho ilegítimo. De fato, o açougueiro freqüentemente substituía o carrasco, que tinha a missão de matar os recém-nascidos abandonados de noite na rua.

Quando Frederico II nasceu, Santa Clara mal tinha dois anos. Sua família era declaradamente gibelina e apoiava o imperador Barbaroxa, embora alguns de seus parentes tivessem sofrido abusos e violências por parte dele.

Basta lembrar que o Marquez de Terni, chamado “Pequeno Papa”, porque em certo período ficou do lado do papa, teve que abandonar seus domínios por causa de algumas decisivas represálias contra ele pelo exército imperial. Quando se fez um acordo, sua filha única, uma herdeira muito rica, casou-se com o duque de Espoleto, Conrado, e o bebê Frederico II foi confiado a eles até chegar aos três anos.

Aleruzza descendia da família dos condes Castelli, e diretamente de Spentone, irmão de Taciperticone.

No sec. XIII, o exército de Frederico II, composto de tártaros, árabes, e especialmente de ferozes capitães aventureiros, cercou Assis, O fato foi recordado pela Irmã Filipa:

“Quando Vital de Aversa, mandado pelo imperador com grande exército, veio sitiar a cidade de Assis, havia muito medo, conforme tinha sido referido a dona Clara, de que a cidade fosse tomada e enfrentasse perigos, pois Vital tinha dito que não iria embora enquanto não tomasse a cidade. Quando soube dessas coisas, a senhora, confiando no poder de Deus, fez chamar todas as Irmãs e mandou trazer cinza, com a qual cobriu toda a sua cabeça, que tinha mandado raspar. E depois ela mesma pôs cinza na cabeça de todas as Irmãs e mandou que fossem todas rezar para que o Senhor libertasse a cidade. E assim foi feito, pois no dia seguinte, de noite, o referido Vital foi embora com todo o seu exército.”²⁶

Outro assalto de Vital de Aversa foi relatado no Processo pela Irmã Francisca de Col de Mezzo: “Tendo os sarracenos entrado no claustro do mosteiro, a senhora pediu que a carregassem até a porta do refeitório e pusessem diante dela uma caixinha onde estava o santo Sacramento do Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo. Prostrou-se por terra em oração e orou com lágrimas, dizendo estas palavras entre outras: “Senhor, guardai Vós estas vossas servas, porque eu não as posso guardar”. Então a testemunha ouviu uma voz de maravilhosa suavidade, que dizia: “Eu te defenderei para sempre!”. Então a senhora orou também pela cidade, dizendo: “Senhor, que vos apraza defender também esta vossa cidade”. A mesma voz soou: “A cidade sofrerá muitos perigos, mas será defendida”. Então a senhora se voltou para as Irmãs e lhes disse: “Não fiquem com medo, porque eu sou a sua garantia de que não vão passar nenhum mal, nem agora nem no futuro, enquanto se dispuserem a obedecer aos mandamentos de Deus”. Os sarracenos foram embora sem fazer mal ou causar prejuízo.” Esse milagre, como foi contado pela Irmã Francisca, deve ter acontecido no mês de setembro, numa sexta-feira, quase na hora de Terça, isto é, por volta das nove horas da manhã.²⁷ A violência dos combatentes, unida à ferocidade dos sarracenos, lembrou Santa Clara da rudeza de tantos cavaleiros armados em sua família, de quem ela tinha fugido.

Os assaltos dos sarracenos tiveram lugar em Assis entre 1240 e 1241, isto é, um pouco mais de dois anos depois que Frei Elias, primeiro geral da Ordem Franciscana por vontade de São Francisco, tinha abandonado Assis para sempre para seguir o imperador Frederico. Havia uma grande amizade entre Frei Elias e o Papa Gregório IX; ambos estavam fortemente ligados à nobreza umbra dos condes Marsi e Castelli: de fato, Gregório IX, como seu predecessor Inocêncio III, descendia dos condes de Segni, outro ramo dos condes de Marsi.

Esse relacionamento pode explicar a facilidade com que São Francisco conseguiu a aprovação de sua Regra em um tempo que era particularmente delicado pela questão do confronto com as heresias: deve ter sido por intervenção direta de Santa Clara, uma parente distante desses papas.

O movimento de Francisco de Assis cresceu a partir do mundo leigo com uma reforma um tanto ousada contra o poder temporal dos papas, pregando a renúncia de todos os desejos terrenos, a pobreza

²⁶ Process, 3:19.

²⁷ Ibid, 9:2.

e a recusa de toda ambição e posses. Eram esses os princípios que tinham caracterizado os anteriores movimentos leigos, mais tarde severamente condenados pela Igreja como heresias.

A confiança que Santa Clara teve com Gregório IX quando se recusou a obedecer-lhe, como vimos, foi a mesma que existiu entre Frei Elias e o papa.

Isso também pode explicar a rebelião aberta e a falta de respeito demonstrada por Frei Elias quando se juntou aos exércitos imperiais como um implacável adversário da Igreja de Roma.

As jovens senhoras que acompanharam Clara na Regra de pobreza pertenciam todas à alta nobreza umbra. Clara foi seguida por suas duas irmãs, Inês e Beatriz, por sua mãe Hortolana, que era particularmente devota de São Miguel Arcanjo, protetor dos condes Marsi Castelli, como fica claro pelo grande número de igrejas dedicadas por eles ao Arcanjo.

Amata e Balbina, sobrinhas de Clara, também a seguiram na pobreza. Eram moças de excepcional graça que sofreram doenças longas e aborrecidas enfermidades por causa da extrema penitência a que seu físico não estava preparado.

Mas, como se viu pelos depoimentos no Processo, suas doenças, devidas à falta de comida e ao frio, foram curadas pela milagrosa intervenção de Santa Clara.

Cristiana também seguiu a Santa. Era a filha do poderoso senhor Suppo de Bernardo, um nome que muitas vezes ocorre na família dos condes de Castelli. Cristiana tinha vivido com a família de Clara, e no Processo declarou o seguinte: “A testemunha (falando de si mesma) estava então na casa e tinha estado com ela antes e conhecia tudo a respeito dela porque vivia com ela em Assis.”

Cristiana, evidentemente uma parente, fala a respeito da fuga de Clara de sua casa paterna: “Temendo que a impedissem, não quis sair pela porta costumeira, mas foi por outra saída da casa que, para não ser aberta, tinha sido escorada com troncos pesados e uma coluna de pedra, que só poderiam ser removidos com dificuldade por muitos homens. Mas, com a ajuda de Jesus Cristo, ela os removeu sozinha e abriu a porta. Ao verem a saída aberta, na manhã seguinte, muitos ficaram extraordinariamente maravilhados de como uma mocinha tivesse podido fazer isso”.²⁸

Cristiana também sabia o que tinha acontecido com a herança de Clara:

“Quando Santa Clara vendeu sua herança, os parentes quiseram dar um preço maior que todos os outros e ela não quis vender a eles, mas vendeu a outros, para que os pobres não fossem defraudados. E tudo que recebeu da venda da herança, distribuiu-o aos pobres”²⁹

Outra parente de Clara, que também a seguiu em São Damiano é Ginevra, sobrinha do cônsul Tancredi, que tomou o nome de Benedita quando aceitou a Regra da Pobreza.

Ginevra e sua irmã Emília deram toda a sua herança para sua mãe Alguisa. Ainda hoje, dá para encontrar uma pedra no fim da Via Perlici, em Assis, com o brasão de armas dessa família. É caracterizada por uma fortaleza, o símbolo dos condes de Castelli.

Como se vê, as mulheres dessa casa, chamadas de “as senhoras pobres”, tinham altas pretensões. Ginevra tornou-se abadessa do mosteiro quando a Santa morreu, e foi nessa qualidade, como líder do movimento franciscano feminino, que ela providenciou a construção da grande basílica dedicada a Santa Clara, fazendo uma troca com os cônegos da catedral. Os cônegos deram às Clarissas a igreja de São Jorge, onde São Francisco aprendera seus primeiros princípios religiosos e onde seus restos tinham descansado antes de ser transferidos para a basílica construída em por Frei Elias. Ginevra, ou melhor a Irmã Benedita, deu em troca aos cônegos uma igreja em Assis perto da Porta de San Giacomo, que seus ancestrais tinham cedido para a abadia de Farfa na região sabina.

Também foi a Irmã Benedita que mandou pintar o grande crucifixo que ainda existe na Basílica de Santa Clara. Aos pés de Jesus na cruz, estão Francisco, Clara e Benedita, uma verdadeira consagração ao Sangue derramado por Nosso Senhor para a redenção do mundo. E aí aparece a lembrança ainda viva dos estigmas de Francisco em seu misterioso encontro com o céu.

²⁸ Ibid., 13:1.

²⁹ Ibid., 13:11.

A atividade de Benedita, por sua intervenção decidida em todo o território que estava em poder dos condes de Marsi Castelli prova assim o poder dessa família em Assis e fora dela.

A filha de Opórtulo de Bernardo, que tinha sido podestá de Assis, também seguiu Clara em São Damião. Seu nome era Inês, e ela informou no Processo: “que então parecia que um grande esplendor estava ao redor da madre Santa Clara, não como alguma coisa material, mas como um esplendor de estrelas.”³⁰

Essa multidão de juventude e de inocência que se juntou a Clara sentiu o momento da mudança histórica. A comuna italiana estava crescendo em todo o seu poder com novos homens vindos da classe comerciante, da burguesia novo-rica, do povo comum que entrava na vida da cidade com as artes e o comércio.

Conseqüentemente, o sistema feudal, que tinha suas velhas raízes na nobreza dos cavaleiros, viu-se forçada a defender-se e a reduzir suas bases um tanto isoladas ante o avanço do poder comunal. Contínuas batalhas, assaltos e guerras estavam dizimando as grandes famílias do passado, e suas novas gerações, agora conscientes da atrocidade dessas batalhas sem solução, compreendeu que a destruição estava chegando. Era um mundo moribundo, estabelecido por tantos séculos de domínio de casta, privilégio e combate armado. As casas da nobreza viviam agora continuamente tomadas pelas chamas; não havia paz em lugar algum, e assim mesmo os homens continuavam a combater e a matarem-se uns aos outros. Precisava haver uma reação para permitir uma pausa. Fugir desse mundo atormentado era uma solução radical, especialmente desde que o seu propósito era a reafirmação entre os vivos daquela palavra que São Francisco estava espalhando em nome de Jesus Cristo.

Clara era a portadora dessa nova luz. Veio para confirmar o desejo de tantas mulheres que, no passado, em nome da paz, seguiram o caminho da contemplação e do amor de Deus. Depois de tantos séculos, parece que Helina, a serva de Deus, filha de seu antepassado Taciperticone, voltou viva em Clara, e o fervor inundou a nobreza antiga inteira. A família e os parentes de Clara, que compreendiam as mais notáveis famílias da aristocracia européia, responderam com fervor ao exemplo franciscano, que se mostrava factível através da mulher santa de Assis.

O primeiro mosteiro não italiano das Clarissas surgiu na França, nas terras que tinham conhecido o poder dos condes de Marsi, entre outros lugares na cidade de Reims, que tinha testemunhado os empreendimentos de Ertemberto, conde de Vermandois.

Em 1219, a própria Clara confiou a missão a uma de suas parentes, a nobre Martia de Bray, dos condes da Picardia. No passado, o marquês da Ligúria, Braccio Malaspina, casara-se com Oderísia, sobrinha do segundo conde de Marsi, Reinaldo, e de sua condessa Gervisa. Ela também era irmã do cardeal Oderisio, o famoso abade de Monte Cassino.

A igreja do mosteiro das monjas de Reims foi consagrada em 1237 e dedicada a Santa Isabel de Hungria, canonizada dois anos antes.³¹

Isabel, viúva de seu jovem e amado marido, tinha dedicado a vida a ajudar pobres e doentes. Por sua extraordinária beleza e excepcional virtude, o imperador Frederico II tinha desejado tomá-la como esposa. A imagem dessa mulher ficou sempre em seu coração. Escrevendo a Frei Elias em Assis, o imperador contou que tinha estado presente nas solenes exéquias da rainha, que foram celebradas na Alemanha. Ele tinha acompanhado o fêretro vestido de penitente, descalço e de coroa na cabeça. No último adeus, Frederico se aproximara dos restos mortais de Isabel e lhe colocara a coroa aos pés, dizendo: “Como eu não te pude coroar na terra como minha imperatriz, quero, pelo menos, neste dia, coroar-te como rainha imortal do Reino de Deus.”³²

Para a igreja de Reims, Clara de Assis mandou um corporal bordado por ela mesma, juntando também um véu penitencial que ela tinha usado e o cordão com que cingira o seu corpo. Em Longchamp, não longe de Paris, Isabel de França, uma irmã de São Luís IX, fundou um mosteiro de

³⁰ Ibid., 10:8.

³¹ *Santa Chiara di Assisi: Studio e cronica del VIII Centenario*, Assisi (1954), 379.

³² Fortini, *Assisi nel medioevo* (1939).

clarissas, e no mesmo ano, 1252, os condes de Flandres providenciaram a fundação do mosteiro franciscano de Bruges.

Recordamos que anteriormente, durante a primeira Cruzada, o conde Reinaldo tinha se unido à nobreza de Flandres por causa de sua linhagem.

Em 1277, o conde de Blois, príncipe de Chatillon, fundou a abadia de La Guiche para abrigar as novas Clarissas; ele tivera um sonho premonitório: um grupo de pastores lhe mostrava um arbusto em chamas em Loi e Cher, e nesse lugar surgiria a nova comunidade, baseada na Regra franciscana, onde uma imagem da Virgem haveria de fazer muitos milagres. Foi o que de fato aconteceu.

Retornam assim nomes e lugares que já encontramos nos sucessos da antiga família de Santa Clara, como Chatillon, que era parte do território da Champanhe e de Vermandois.

Os angevinos, por sua vez, também seguiram com devoção a regra franciscana, e eles também estavam ligados por relacionamentos com os condes de Marsi: o filho de Fulk II, chamado Godofredo, tinha desposado Adele de Vermandois, uma filha de Ertemberto II, que era da mesma nobre linhagem de Clara de Assis.

A mãe de Isabel da Hungria também era dessa descendência: ela era Gertrudes, dos condes Andechs-Meran, que governaram Veneza, Merano, Belluno e Treviso.

Foi em Bressanone que Isabel encontrou as “Senhoras Pobres” que seguiam Clara de Assis. Mas não foram só as mulheres nobres que aceitaram a palavra renovadora de São Francisco: o primo de Clara, Rufino, que era filho de Cipião de Ofreduccio de Bernardino, seguiu Francisco, que disse dele: “Sem duvidar, digo que ele é um santo”. Rufino estava sempre tão absorto em que nem podia mais falar. Uma ordem suave de Francisco levou-o a pregar na catedral de Assis, que tinha o mesmo nome que ele em recordação de São Rufino, bispo-mártir do século IV. As exortações feitas por Rufino de Cipião lá na catedral ainda existem: “Meus queridos, fujam do mundo e abandonem o pecado; façam restituição se quiserem escapar do inferno; guardem os mandamentos de Deus, amando o próximo se quiserem chegar ao céu. E façam penitência se quiserem possuir o Reino dos Céus.”

Outro poderoso senhor feudal de Assis, o conde Leonardo de Sassorosso, parente de Clara, seguiu Francisco em 1215; o Santo lhe haveria de dizer: “No mundo você foi mais nobre e mais poderoso do que eu”. De fato, Leonardo descendia de Alberico dos condes Castelli, um irmão de Rapizone II.

Seria muito longo fazer uma lista de todos os nobres, dos homens instruídos e dos famosos que Francisco recebeu em sua comunidade.

Frei Salimbene de Parma, referindo-se a Frei Elias, escreveu: “Um segundo defeito dele foi receber na Ordem muita gente inútil”. Mais tarde acrescentou: “A gente via frades leigos iletrados usando tonsura, outros vivendo em sua própria cidade, trancados em eremitérios perto do convento dos frades. Outros ainda usavam longas barbas, parecendo gregos ou armênios; outros usavam cordões, não os comuns, mas feitos de fios trançados, e havia uma competição para ver qual era mais bonito.”³³ Depois da morte de São Francisco, muitas coisas tinham mudado; não se pode esquecer quanto apoio continuou a dar a velha aristocracia, da qual procedia Clara. Basta lembrar Frei Iluminato, que era da família dos condes Accarini, parentes próximos de Hortolana, a mãe de Santa Clara.

Com Francisco e Clara, a nobreza medieval deixou de lado todo luxo, abandonou as roupas decoradas com ouro, jóias, diademas, e finalmente trabalhadas com enfeites de prata, para buscar a luz de Deus. Lembrando Santa Clara, Tomás de Celano disse: “nobre de nascimento, mas mais nobre ainda pela graça,” e assim a exaltou numa prece: “Clara de nome, mais clara pela vida, claríssima pelo caráter.”³⁴ Hoje, para nossa devoção e para nossa mais querida lembrança, ainda guardamos seu hábito surrado e seus cabelos loiros.

Este artigo foi traduzido da Revista
Franciscan Studies, vol. 42, Annual XX, 1982, pp.48-67,
por Fr. José Carlos C. Pedroso, em março de 1996.

³³ Pp. 99, 102.

³⁴ “Clara nomine, vita clarior, clarissima moribus.” *Vita Prima S. Francisci* 18 in *Analecta Franciscana*, X, 17.